

COMPREENDENDO OS CONCEITOS DE BRONCKART – UMA PERSPECTIVA INTERACIONISTA SÓCIO-DISCURSIVA

Mônica Mezeche Neves

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar uma leitura da obra de Jean-Paul Bronckart, *Atividade de linguagem, textos e discursos – Por um interacionismo sócio-discursivo*. Para tanto, buscou-se aprofundamento teórico em dois autores principais: Vygotsky (1991/1998) e Bakhtin (1981), os quais são importantes para o entendimento das propostas teóricas apresentadas por Bronckart. Neste artigo, pretende-se compreender quais os aspectos importantes da teoria adotada por esse autor para os estudos sobre a construção social da escrita.

PALAVRAS-CHAVE: Bronckart, interacionismo sócio-discursivo, escrita

INTRODUÇÃO

O presente trabalho faz parte do projeto “A construção social da escrita” que é resultado de várias ações desenvolvidas desde 1998, na UFSM, as quais são orientadas pela Prof^a.Dr^a., Marcia Cristina Corrêa. Esse projeto tem como corpus a escrita a partir de diferentes abordagens (teórica, metodológica e prática). Um de seus objetivos principais é desenvolver trabalhos que enfatizem a importância que a escrita desempenha nos estudos relacionados à linguagem, bem como, o papel que ela exerce como meio de interação dentro da sociedade.

A base teórica deste estudo centra-se numa perspectiva interacionista sócio-discursiva, proposta pelos pesquisadores de Genebra, e especificada por Bronckart (1997). Segundo essa teoria, as atividades e as produções de linguagem do ambiente social são de fundamental importância para o estudo da evolução do ser humano (num sentido psicológico e físico), já que essas são responsáveis por desenvolver o que chamamos de pensamento consciente, diferindo, assim, o homem das demais espécies.

Assim, assumindo os princípios do interacionismo sócio-discursivo (de ora diante ISD), este artigo tem por objetivo apresentar uma leitura acerca da obra *Atividade de linguagem, textos e discursos – Por um interacionismo sócio-discursivo*, de Bronckart. Pretende-se, através dessa leitura, compreender de que maneira esse autor percebe a linguagem, mais especificamente, a linguagem escrita como produto do meio social dentro das mais diversificadas espécies de gêneros de discurso.

Para o desenvolvimento deste estudo, primeiramente, buscou-se fundamentação teórica em leituras de Vygotsky e Bakhtin, as quais foram fundamentais para uma devida contextualização da posição teórica adotada para tal pesquisa, isto é, o ISD.

1 Os estudos de Vygotsky e Bakhtin

Vygotsky e Bakhtin servem de pressuposto teórico na medida em que ambos vêem a linguagem como algo que identifica o sujeito como um ser preso a sua historicidade e ao seu meio social.

Do ponto de vista vygotskiano, é através da linguagem que o homem pode ser compreendido como ser histórico e social, cuja compreensão deve ser buscada através do cruzamento das perspectivas individual e histórica (CORRÊA, 2002). Desta maneira, Vygotsky propôs uma nova psicologia: uma teoria marxista do funcionamento intelectual humano. Isto é, de acordo com tal teoria, as relações dos homens entre si e com a natureza são mediadas pelo trabalho. Nas palavras do teórico essa nova abordagem significava:

A teoria histórico-cultural, conhecida como abordagem sociointeracionista apresenta como objetivo central caracterizar os aspectos tipicamente humanos do comportamento das pessoas e elaborar hipóteses de como essas características se formaram ao longo da história humana e, de como se desenvolvem durante a vida de um indivíduo. (1984, p. 21)

Seus estudos, em grande parte, centraram-se na ontogênese humana, porém aplicava-os em outras áreas, como a filogênese, a história sociocultural e a microgênese. A partir de tais estudos, Vygotsky afirmava que a invenção do uso de ferramentas ocorreu pela necessidade de, por exemplo, alcançarmos objetos distantes, entretanto, esse ato não bastou para a evolução da história sócio-cultural.

Decorre-se disso, que, segundo Vygotsky, os instrumentos têm como função conduzir a influência humana sobre o objeto de sua atividade, constituindo um meio pelo qual a atividade humana externa é orientada para o controle e domínio da natureza. Por sua vez, o signo não modifica em nada o objeto da

operação psicológica, constituindo-se num meio da atividade interna, dirigindo-se para o controle do próprio indivíduo; e orientado internamente.

Referindo-se à ontogênese, Vygotsky sustentou que “uma linha cultural de desenvolvimento” que necessita de instrumentos mediadores proporcionados por uma cultura, se combina “com uma linha natural de desenvolvimento” que abrange desenvolvimento e maturação (CARDOSO, 2003:62). Assim, é com a interação desses dois processos que se inaugura um novo domínio genético.

Conforme Vygotsky, existe uma “lei” que rege o desenvolvimento cultural do indivíduo, isto é, para ele todas funções psicointelectuais superiores aparecem, primeiramente, através do convívio social, como funções intersíquicas e, posteriormente, como propriedades internas do pensamento, isto é, como funções intrapsíquicas.

Para explicar tal fato, Vygotsky recorre ao processo de desenvolvimento da linguagem. Segundo ele, é a linguagem a responsável pela construção do sujeito como um ser único, o qual é capaz de relacionar-se com o meio social em que está inserido e consigo mesmo. Este processo ocorre porque o ser humano é o único, entre as demais espécies, que possui controle intencional de seu comportamento.

Isto posto, significa dizer que o ser humano tem a capacidade de abstrair, fazer relações, reconhecer as causas e fazer previsões sobre acontecimentos, e, depois de refletir e interpretar, tomar decisões, não se orientando apenas pela impressão imediata e pela experiência anterior, como acontece com os animais. Desta maneira, de acordo com CARDOSO:

Tem-se o desenvolvimento mental como um processo de apropriação e elaboração da cultura, no sentido de que as funções psicológicas superiores são transformações internalizadas de modos sociais de interação, o que abrange os artefatos culturais (instrumentos) e as formas de ação e signos (instrumentos psicológicos). (2003, p. 62-63)

Ao propor essa nova teoria, Vygotsky acreditava que a psicologia resolveria três questões fundamentais: 1^ª) a tentativa de compreender a relação entre os seres humanos e seu ambiente físico e social; 2^ª) a identificação das novas formas de atividade que fizeram com que o trabalho fosse o meio fundamental entre homem e a natureza, e a 3^ª) relacionada à análise da natureza, das relações entre o uso de instrumentos e o desenvolvimento da linguagem.

Sendo assim, Vygotsky acreditava que, somente fazendo-se um estudo que integrasse, numa mesma perspectiva, o corpo e a mente humana, é que

conseguiríamos compreender o homem como ser biológico e social, membro da espécie humana e participante de um processo histórico. Tal abordagem insere-se na posição “monista” de Spinoza, cuja qual, não será aprofundada neste texto.

Vygotsky vê na escrita um papel fundamental no desenvolvimento do indivíduo. Segundo Oliveira (1998), o entendimento desta habilidade humana, só é possível quando há um estudo da “pré-história da linguagem escrita”, isto é, o estágio pelo qual a criança passa antes de ser submetida a processos deliberados de alfabetização, bem como, é preciso reconhecer que a escrita é uma função culturalmente mediada e não um processo distante do social.

Portanto, o processo de aprendizagem do ensino da escrita, para Vygotsky, deve diferenciar-se da maneira como a linguagem oral é trabalhada. Isso decorre, porque a oralidade é um processo natural, isto é, basta que haja a inserção da criança no meio social para que ela ocorra. Por sua vez, a escrita é um processo artificial que é obtido somente de forma técnica, mecânica, visto que exige treinamento.

Há três particularidades da aquisição da linguagem escrita que devem ser explicitadas: a primeira, refere-se à simbolização (símbolos sonoros), compreendida como a etapa em que a criança deve fazer uma abstração do aspecto sensível da linguagem, ou seja, o som. Neste momento, há a passagem do aprendizado da escrita a uma linguagem abstrata que utilizará as representações das palavras e não a palavra propriamente dita.

A segunda particularidade é a que se refere à questão do monólogo, isto é, a ausência de um interlocutor no momento da escrita. E a terceira refere-se a “motivação para a escrita”, isto é, o ato de escrever não é, para a criança, tão atraente e prático. Isto decorre do fato de que, para ela, a escrita não é tão útil quanto a fala para a realização de seus interesses, bem como, é preciso distanciar-se de situações reais para realizá-la, o que não é um exercício muito fácil para as crianças.

Assim, o processo de aprendizado da escrita para Vygotsky, deve ser elaborado tendo como objetivo central levar a criança a percebê-lo não apenas como uma atividade puramente mecanicista, mas sim, como uma atividade cultural complexa e de extrema importância para a sua vida.

As três particularidades da escrita apresentadas leva-nos a perceber que, para Vygotsky, o aprendizado da linguagem escrita é o estágio avançado para a formação do pensamento lógico e,

portanto, para a concretização dos processos mentais superiores.

Salvo lembrar, que para Vygotsky, pensamento e palavra é um processo, um movimento que se articula simultaneamente, portanto, não é o pensamento a tradução das palavras, mas é por meio delas que ele adquire sua forma.

Partindo para os estudos de Bakhtin, percebe-se que esse autor tem uma visão unitária das ciências humanas. Assim, olha a Psicologia do ponto vista da dialética e traz para ela a contribuição da Estética e da Linguagem.

Através de seus estudos compreende-se que, para ele, o homem é um ser essencialmente social e sua linguagem é marcada intrinsecamente pela sua ideologia.

Ao tratar da linguagem, Bakhtin recusa-se a adotar a visão de linguagem proposta por Saussure, isto é, considerar a fala como fenômeno individual e o sistema lingüístico como fenômeno social. Para ele, a linguagem é um fenômeno intrinsecamente social e histórico e, portanto, marcado pela ideologia.

De acordo com Cardoso (2003, p. 70), a unidade básica de análise lingüística, para Bakhtin, “é o enunciado acabado e com sentido completo”. em outras palavras, são os elementos lingüísticos produzidos em contextos sociais reais e concretos como participantes de uma ação comunicativa.

Através disso, Bakhtin sustenta que a constituição do sujeito acontece através do contato social, pois, é ouvindo e assimilando as palavras e os discursos dos outros que esse sujeito passará a se descobrir e ver-se como pertencente a esse meio, mas como sendo diferente do outro.

Dessa maneira, a palavra para Bakhtin “exerce a função de signo e é fenômeno ideológico por excelência, constituindo o modo mais puro e sensível de relação social. É nela que se revelam as formas básicas e ideológicas gerais da comunicação semiótica”. (FREITAS, 1999).

Segundo ele, diferentemente do enunciado, que é a unidade real de comunicação, a frase é a unidade da língua. O enunciado é entendido como um todo existencial, construído por indivíduos e é sempre marcado pela expressividade.

Em decorrência disso, Bakhtin defende que é na expressividade que se encontra o espaço para a realização ideológica do signo. Assim, conforme Cardoso (2003, p. 72), as palavras, para Bakhtin, “não pertencem a ninguém e não comportam juízo de valor, mas estão a serviço de qualquer falante e de

qualquer juízo de valor, que pode ser totalmente diferente e até contrários”.

Para Bakhtin, os gêneros do discurso são formas relativamente estáveis de textos, as quais funcionam como mediadores entre locutor e receptor na medida em que facilitam as diferentes formas de comunicação.

Desta maneira, é através dos gêneros que, cada um de nós, reconhece diferentes produções discursivas, por exemplo, romance, crônica, novela, etc, sem que haja um “caos comunicativo nas diversas esferas de ação e convivência social”. (CARDOSO, 2003, p. 72, 73). Neste contexto, Bakhtin vê nos enunciados e no tipo a que pertencem a unidade relativa da comunicação, ao qual, transmitem a história da sociedade à história da língua.

Segundo ele, os gêneros são em número ilimitado, “uma vez que a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gênero de discurso que, por sua vez, também se vai direcionando e ampliando-se à medida que se desenvolve a própria esfera”. (CARDOSO, 2003, p. 73).

A partir da imensa heterogeneidade do gênero, Bakhtin propõe que se distingam os gêneros em gênero de discurso primário (simples) e gênero de discurso secundário (composto). O primeiro, refere-se a aqueles que constituem a interação cotidiana e, sobretudo, oral, porém alguns tipos de escrita informal encaixam-se nesse primeiro tipo. O segundo, refere-se às formas de comunicação mais desenvolvidas e incluem, portanto, principalmente a escrita tendendo-se a serem mais monologizados.

Bakhtin propõe uma saída para o estudo do discurso, isto é, analisá-lo através de uma concepção individualista, já que, para ele, o enunciado concreto, oral ou escrito, primário ou secundário, é individual. No entanto, segundo Cardoso, nem todos os gêneros são igualmente aptos a refletirem a individualidade da língua do enunciado (2003, p. 75).

Portanto, a noção de enunciado para Bakhtin, está vinculada com a idéia de voz, aplicando-se tanto à comunicação oral quanto à escrita e abrangendo questões mais amplas com a perspectiva do sujeito falante, seu horizonte conceitual, sua intenção, sua visão de mundo.

1.1 Uma breve conclusão sobre os estudos de Vygotsky e Bakhtin

Pode-se dizer que Vygotsky e Bakhtin assemelham-se em determinados aspectos visto que ambos adotam uma perspectiva sociointeracionista da

linguagem, preocupando-se com os fenômenos sociológicos. Sendo assim, esses estudiosos buscaram compreender as principais questões ideológicas que fazem parte das ciências humanas e sociais, tendo o materialismo dialético como base de suas pesquisas.

Decorre-se dessa dialética, que Vygotsky e Bakhtin procuraram construir uma visão totalizante, não fragmentada da realidade, isto é, o homem é analisado dentro de um meio social e tudo o que ele representa, como ser individual (consciência) e social (participante de uma comunidade lingüística), faz parte do resultado que deste meio.

Entretanto, diferenciam quanto ao *corpus* do estudo. Vygotsky buscou elaborar seu projeto voltado para a Psicologia, a partir da perspectiva marxista. Segundo ele, o homem constrói-se e desenvolve-se como sujeito a partir de suas relações sócias tendo a linguagem a principal mediadora desse processo. Por sua vez, Bakhtin preocupou-se com a questão da consciência, assim, seus fundamentos não são fisiológicos, nem biológicos, mas sim, sociológicos, construindo-se assim, de fora para dentro, ou seja, na relação do outro pela linguagem. Assim, enquanto Vygotsky estudou o individual, inserido no social, Bakhtin, ao contrário, trabalhou com o social, com a coletividade.

2 Os estudos de Bronckart – uma abordagem interacionista sócio-discursiva

De acordo com a teoria ISD, Bronckart adere à tese de que as propriedades específicas das condutas humanas são o resultado de um processo histórico de socialização, possibilitado especialmente pela emergência e pelo desenvolvimento dos instrumentos semióticos.

Nesse sentido, o estudo de Bronckart centra-se nas condições sob as quais, na espécie humana se desenvolveram *formas particulares de organização social*, ao mesmo tempo em que (ou sob o efeito de) *formas de interação de caráter semiótico*. Portanto,

[...] a posição interacionista implica a idéia de que é ilusório tentar interpretar as condutas humanas em sua especificidade, seja por referência direta às propriedades do substrato neurológico humano (direção tomada pelo cognitivismo e pelas neurociências), seja como resultado da acumulação de aprendizagens condicionadas pelas restrições de um meio preexistente (tese fundadora do behaviorismo). (Bronckart, 1999, p.21-2)

Assim, seu posicionamento é baseado nos pressupostos teóricos de Vygotsky, no que se refere à forma de organização das pessoas no mundo. A isso,

acrescenta-se o papel fundamental dos instrumentos, da linguagem e o do trabalho na medida em que são responsáveis pela construção e desenvolvimento da consciência. Esses três aspectos ocorrem porque há, nos seres humanos, a necessidade de sobrevivência, valor e produção.

Para Bronckart, é inquestionável a importância de tais estudos propostos por Vygotsky, porém, segundo ele, é preciso reconhecer que “o desenvolvimento de seu trabalho se defrontam com grandes dificuldades teóricas e metodológicas”. (BRONCKART, 1999, p. 28).

Assim, Bronckart se detém em três dessas dificuldades teóricas e metodológicas encontradas por Vygotsky em seus estudos. A primeira dificuldade refere-se à unidade de análise da psicologia, a qual resulta da dualidade físico-psíquica que caracterizam as ações humanas.

A segunda dificuldade diz respeito à delimitação e à articulação da ordem do social e da ordem do psicológico. Essas são responsáveis pelo acarretamento de problemas na ordem da conceitualização de sociologia e de unidades psicológicas. Como proposta de solução para essa dificuldade, Bakhtin (1981) propõem que a atividade nas formações sociais é que constituem o princípio explicativo das ações imputáveis a uma pessoa. Já a terceira dificuldade, refere-se “ao estatuto a atribuir à linguagem, em suas relações com a atividade social e as ações”. (BRONCKART, 1999, p.30).

Em decorrência disso, uma psicologia interacionista deve, segundo Bronckart, “primeiro integrar a dimensão discursiva da linguagem; nesse aspecto, fazer empréstimos aos trabalhos lingüísticos e, quando necessário, elaborar uma conceitualização própria para ela, além de, sobretudo, clarificar as relações sincrônicas existentes entre as ações humanas em geral e as ações semiotizadas (ações de linguagem)”. (1999, p.30)

Além disso, deve identificar os modos como a atividade de tempo, que é constituída do social, contribui para delimitar as ações humanas, no conjunto de suas capacidades propriamente psicológicas. Entretanto, a psicologia tem o dever de considerar as ações humanas em suas dimensões sociais e discursivas constitutivas.

2.2 Como se estruturam as atividades humanas de linguagem

De acordo com Bronckart, as atividades, dos organismos vivos, são coletivamente organizadas na maioria das espécies e, é através delas, que os seres

humanos têm acesso ao meio ambiente e podem construir elementos de representação interna (ou de conhecimento) sobre esse mesmo ambiente.

É, portanto, com o uso da linguagem que os seres humanos caracterizam suas maneiras de organizarem suas formas de atividades com uma maior diversidade e complexidade, designando assim, uma dimensão singular, “que justificam que sejam chamadas de sociais, no sentido estrito do termo”. (BRONCKART, 1999, p. 31)

Diferindo-se das demais espécies, o homem não apresenta episódios de caráter fundamentalmente acionador, ou seja, há em suas relações sociais, tipos de negociação, de contestação e, portanto, de “conversação”. Nas palavras de Bronckart:

Na espécie humana, a cooperação do indivíduo na atividade é, ao contrário, regulada e mediada por verdadeiras interações verbais e a atividade caracteriza-se, portanto, por essa dimensão que Habermas (1987) chamou de agir comunicativo. (1999, p. 31)

Por conseguinte, o agir comunicativo refere-se ao fato de que, as representações são como signos, ou seja, tem a função de representações comuns, compartilháveis, comunicáveis.

Os signos por sua vez, são classificados pela dimensão transindividual, isto é, por todos os representantes de uma esfera social, as quais refletem as representações coletivas do meio e que se estruturam em configurações de conhecimentos chamados, segundo Popper e Habermas, de mundos representados.

Segundo definições de Habermas, (BRONCKART, 1999), existem três tipos de mundos: o “mundo objetivo”, caracterizado por signos que remetem ao meio físico (homem x ambiente); o “mundo social”, o qual é representado pelos signos que são marcados pela linguagem comum em meio às organizações das tarefas coletivas e, enfim, o mundo subjetivo, o qual é representado pela relação de cada indivíduo em particular com a sua tarefa, e, posteriormente, o conhecimento acumulado na esfera social passa ao domínio da consciência, portanto, tem-se neste mundo a auto-reflexão.

Portanto, é através desses mundos, que o homem transforma o meio, e é nesse contexto que os fatos são inseridos. Valido ressaltar, que o “mundo objetivo” e o “mundo subjetivo” dependem do “mundo social”, visto que este é o que apresenta a coletividade.

Desta maneira, fica claro que a linguagem humana se apresenta, inicialmente, como uma

produção associada às atividades sociais. Assim, a linguagem é, primeiramente, uma característica da atividade social humana, cuja função maior é de ordem comunicativa ou pragmática, bem como, tem como outra função pertencer à ordem do representativo ou do declarativo, representada pelos signos.

Como já é sabido, a linguagem é o produto da interação do social, a semiotização que ela revela dá lugar ao nascimento de uma atividade que é propriamente de linguagem e que se organiza em discursos ou textos. De tal modo, há uma grande diversidade de atividades não verbais, com as quais os textos estão em interação, eles mesmos diversificam-se em gêneros.

Conseqüentemente, é através dos textos e dos signos que as significações estarão sempre em movimento e assim, construir-se-ão os mundos representados que, logicamente, também irão se transformar perpetuamente.

Contudo, uma comunidade verbal é, portanto, constituída por diversificadas formações sociais, sendo que cada uma delas, em função de seus objetivos e interesses particulares, elabora modalidades particulares de funcionamento da língua, a que Bronckart chamará de formações sócio-discursivas. Tais formações discursivas são mecanismos que chegam a formas variadas se discurso (gênero de texto).

Em relação ao estudo das condutas humanas em suas dimensões psicológicas e detendo-se à problemática das capacidades mentais superiores e comportamentais atestáveis nos comportamentos humanos, Bronckart opta por fundamentar a função e a importância do termo ação. Para isso, apresenta uma comparação entre ação e acontecimento. Assim, divide em dois pólos, de um lado os acontecimentos naturais e de outro as ações humanas.

Primeiramente, segundo Bronckart, acontecimento é “um encadeamento de fenômenos inscritos no espaço-tempo e cujas relações podem ser objeto de uma explicação causal” (1999, p. 39).

Já a ação, seguindo-se a tese central do ISD, constitui o resultado da apropriação pelo organismo humano, das propriedades da atividade social mediada pela linguagem. A ação, nunca é resultado de uma relação causal, mas é, intrinsecamente, ligada à existência e um motivo, uma intenção é uma responsabilidade, os quais podem ser relacionados às condutas humanas.

Acrescenta-se ainda que, a atividade de linguagem pode ser considerada como ação de linguagem. O significado de tal ação é o próprio texto,

em que o agente é o responsável pela ação (de produzir um texto), sendo uma manifestação individual, porém, de caráter coletivo.

Segundo Bronckart é por meio da interpretação dos discursos narrativos que o funcionamento psíquico-humano se expande, se enriquece e se reestrutura perpetuamente. Daí uma das importâncias de se estudar o modo como a escrita está construída nesse universo de textos produzidos.

Além disso, a elaboração de um gênero discursivo novo é indissociável da criação de unidades de pensamentos novos e que os processos em que se organizam essas unidades representativas não são senão reflexos das regras convencionais que organizam esse novo gênero de discurso. Independente de serem escritos ou orais, os discursos também se constituem como instrumentos de refiguração das ações humanas.

2.3 O que são os textos e qual é o seu estatuto

Para Bronckart, texto são produções verbais efetivas que elaboram tipos relativamente estáveis de enunciados, isto é, os gêneros de discurso, que se caracterizam por apresentarem conteúdos, estruturação, relações entre os interlocutores e estilo específicos.

Contudo, sendo o texto aquilo que designa toda e qualquer produção de linguagem situada, oral ou escrita, cada texto apresenta mecanismos de textualização e mecanismos enunciativos que designam toda unidade de produção de linguagem que veicula uma mensagem linguisticamente organizada e que tende a produzir um efeito de coerência sobre o destinatário.

Conforme Bronckart, "uma língua natural só pode ser apreendida através das produções verbais efetivas, que assumem aspectos muito diversos, principalmente por serem articuladas a situações de comunicação diferentes". (1999, p. 69). É, portanto, de acordo com a necessidade e/ou interesse de cada indivíduo, que foram elaborados diferentes espécies de textos, designando-se, dessa maneira, todo o conjunto de textos que apresentam características comuns.

Dessa maneira, seguindo as idéias de Bronckart, os gêneros são entidades que apresentam uma enorme dificuldade de classificação visto que há uma grande diversidade de critérios que podem ser legitimamente utilizados para defini-los, destaca-se, principalmente, o seu caráter fundamentalmente histórico das produções textuais, pois os gêneros

sofrem constantes modificações a partir de cada "nova" situação discursiva a ser produzida. Essa grande diversidade de produções textuais reflete as diversas maneiras que o ser humano utiliza para se comunicar com o seu meio social em diferentes contextos enunciativos.

Para Bronckart, os discursos vão denominar os diferentes segmentos que entram na composição de um gênero que são produto de um trabalho particular de semiotização ou de colocação em forma discursiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, acreditamos que essa breve leitura sobre, mais especificamente, a obra *Atividade de linguagem, textos e discursos – Por um interacionismo sócio-discursivo*, foi de imprescindível importância para uma devida contextualização dos conceitos referentes à teoria do ISD. Acreditamos ainda, que essa leitura contribuiu para que buscássemos nas teorias de Vygotsky e Bakhtin fundamentação teórica adequada para a compreensão das idéias sobre a linguagem, textos e discursos, apresentadas por Bronckart.

Isso posto, significa dizermos que a importância da linguagem, neste caso, a linguagem escrita, é vista pelos autores destacados no texto como fundamental para nosso processo de desenvolvimento intelectual e de socialização.

Assim, é necessário que cada vez mais busquemos novas propostas de desenvolver esse processo de aprendizagem (dentro das instituições de ensino) com propósito de orientar os aprendizes para estarem aptos a desenvolverem um grande número de gêneros de textos nas mais diversificadas formas de interação social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. (VOLOCHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1981.
- _____. *Estética da criação verbal*. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos – Por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo: EDUC, 1999.
- CARDOSO, Canciolina Jankovski. *A socioconstrução do texto escrito: uma perspectiva longitudinal*. São Paulo: Mercado de Letras, 2003.
- CORREA, Márcia Cristina. Bakhtin e Vygotsky: Um diálogo sobre linguagem e escrita. In *Coleção Ensaios n° 5 Bakhtin diálogos inconclusos* Orgs. Ceres Helena Ziegler Bevilaqua, Vera Lúcia Lenz Vianna e Vera Lúcia Pires. Santa Maria, RS,

CORRÊA, Marcia Cristina. Escrita : esse obscuro objeto do desejo. Tese de Doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

FREITAS, Maria Tereza. O pensamento de Vygotsky e Bakhtin no Brasil. 2.ed. São Paulo: Papirus, 1994.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Aprendizado e desenvolvimento – Um processo sócio-histórico. **São Paulo: Scipione, 1998.**

REGO, Tereza Cristina. Vygotsky Uma perspectiva histórico-cultural da educação. 7^oe. **Petrópolis, RJ:Vozes,1999.**

YVYOTSKY, Liev et al. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. 3. ed. São Paulo: Ícone, 1991

YVYOTSKY, Liev. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1998

_____. Pensamento e linguagem. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998b.

NOTA

² Trabalho realizados por Mônica Mezeche Neves, aluna do sétimo semestre do curso de Letras/Português da UFSM, bolsista PIBIC/CNPq, participante do projeto “A construção social da escrita”, sob orientação da Prof^a. Dr. Marcia Cristina Corrêa.